

Corpo, deficiência e representações

Body, disability and representations

Olga Scandolaria Santos

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Professora de Educação Física da CELER Faculdades.

olgacss@yahoo.com.br

Ariane Franco Lopes Silva

Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Universidade de Cambridge, UK e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC.

arianefls@yahoo.com.br

Resumo

A pesquisa tem como objetivo analisar como pessoas com deficiência são representadas em alguns livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), do sexto ao nono ano do ensino fundamental, por meio do estudo de suas imagens. Parte-se do pressuposto que os livros didáticos propagam conhecimentos de senso comum sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência. O aporte teórico da pesquisa são os estudos de Moscovici (1987, 2007) sobre o conceito e função das representações sociais e sobre as diferentes maneiras de veicular as representações pela mídia. Trata-se de uma análise documental, de caráter exploratório e de cunho qualitativo. Os procedimentos metodológicos foram pautados na Análise de Conteúdo de Bardin (1977). As imagens de pessoas com deficiência nos livros didáticos foram catalogadas e classificadas em categorias, e algumas comparações foram realizadas. As imagens foram classificadas segundo o gênero, faixa-etária, expressão facial, equipamentos, atividades, ambientes e interação social. Os resultados evidenciam a propagação de saberes de senso comum sobre as pessoas com deficiência. As imagens mais frequentes mostram pessoas jovens, sorrindo, do gênero masculino, em cadeiras de rodas, em grupos ou duplas, em ambiente externo e em atividades de estudo. A pesquisa contribui para reflexões acerca dos saberes de senso comum, que generalizam e simplificam as questões da deficiência que circulam na sociedade e sobre os possíveis impactos desses saberes na construção de futuras representações.

Palavras-chave: Corpo. Pessoa com deficiência. Representações sociais. Imagem.

Abstract

The aim of this research is to analyse how people with disability are being represented in some textbook of the National Plan of Textbook (PNLD), from the 6th to the 9th grades of elementary education through the study of their images. It is based on the assumption that textbooks propagate common-sense knowledge about disability and about people with disability. This research finds its theoretical contributions on the studies of Moscovici (1989, 2007), on the concept and function of social representations and on the different ways to convey these representations by the media. It is a documental analysis, of an exploratory character and a qualitative nature. The methodological procedure was based on the Content Analysis of Bardin (1977). The images of people with disabilities were catalogued and grouped into categories, and some comparisons were established. The images were classified according to gender, age, facial expression, equipments, activities, location, social interaction and activities. The results show the propagation of common-sense knowledge about people with disabilities. The most frequent images show young people, smiling, of male gender, in wheelchairs, in groups or pairs, in external locations and in study activities. The study contributes to reflections about the common-sense knowledge, that generalize and simplify the issue disability that circulates in Society and about the possible impacts of these knowledges in the construction of future representations.

Keywords: Body. People with disabilities. Social representations. Image.

I ntrodução

Vários autores têm comentado e estudado o contraste que existe entre o sentido de ausência do corpo na condução das nossas atividades do dia-a-dia, pois elas são executadas automaticamente e sem reflexão, e o papel especial que o corpo e seus movimentos assumem no gerenciamento da nossa vida social (MACLACHLAN, MHÁILLE, GALLAGHER, DESMOND, 1012). Até mesmo a construção de nossas identidades sociais estaria fortemente influenciada pela nossa corporeidade, possibilidades e limitações de movimentos e ações, que nos reúnem em torno de similaridades e características comuns e nos separam conforme nossas diferenças. Imaginamos, então, os possíveis efeitos da maneira com que são compreendidas as deficiências físicas no gerenciamento das relações sociais e, por consequência, nas construções identitárias. Muitos desses efeitos têm sido documentados em estudos que atestam os impactos das deficiências nas relações humanas. Embora alguns autores ressaltam que os corpos com deficiências significativamente moldam as experiências humanas, alterando o sentido de valor e principalmente a forma com que as relações entre as pessoas ocorrem (LEDER, 1990; WILLIANS, 1996), Howson (2004) lembra que as consequências sociais da perda de uma parte do corpo e de sua função, e o *status* da pessoa com deficiência (PcD) em sua comunidade, dependem do contexto social e cultural na qual essa perda foi adquirida e das respostas e dos arranjos sociais. Essas respostas podem ser resultado dos conhecimentos pré-existentes sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência que circulam nas comunidades. Daí a necessidade de se analisar com maior profundidade quais são esses saberes, e as informações difundidas por distintos meios de comunicação sobre a deficiência e sobre a PcD, para compreender os arranjos sociais existentes. A definição de deficiência tem se alterado recentemente para abarcar, além de impedimentos corporais, deficiências e lesões do universo da biomédicina, um conceito de relações de desigualdade impostas por barreiras ambientais e sociais a um corpo que é diferente e possui impedimentos (DINIZ, 2007). Portanto, observar se os saberes sobre essa temática correspondem a essas novas definições é importante, pois eles influenciariam os comportamentos humanos diante das PcD e das questões da deficiência, e impactariam nos futuros ajustes e adequações que as comunidades colocam em prática no sentido de mediar interações humanas no contexto da diversidade.

O objetivo da presente investigação é analisar de que maneira as informações sobre a PcD estão sendo veiculadas em livros didáticos, analisando as imagens em seus elementos corporais e expressivos, interacionais e de acessórios. Esses elementos poderiam indicar os saberes de senso comum acerca da deficiência e se aproximar das representações sociais em circulação sobre esse tema. O livro didático, como um material pedagógico, é conhecido por transmitir conhecimentos e valores culturais, e por oferecer acesso seletivo a ideias e informações que são interpretadas pelos estudantes como normais e naturais (APPLE; CHRISTIAN-SMITH, 1991). Portanto, seria interessante conhecer que saberes sobre o tema da PcD são veiculados por esse material, o que indicaria os conhecimentos e valores culturais considerados representativos e legítimos sobre a deficiência. Mais especificamente sobre o material fotográfico nos livros didáticos, os autores lembram que eles são um importante instrumento na socialização dos estudantes. A sua função de conferir legitimidade a grupos sociais dominantes, assim como a uma seleção de alguns saberes em detrimento de outros, também tem sido reforçado por Sleeter e Grant (1991). Nesse sentido, justifica-se a necessidade de investigar com maior profundidade como imagens em livros didáticos veiculam representações sociais sobre esse tema social.

Para se desenvolver tal pesquisa, procuramos apoio teórico metodológico na Teoria das Representações Sociais, idealizada por Serge Moscovici (1978). Definidas como um conjunto de proposições e explicações sobre objetos sociais, que têm origem nas conversações cotidianas, as representações sociais são conhecimentos de senso comum. Elas têm a função de guiar os comportamentos humanos e as práticas (SÁ, 1996), pois são um tipo de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os sujeitos (MOSCOVICI, 1978). Elas também possuem a função de orientar os julgamentos sobre temas sociais e auxiliar na interpretação da realidade e nas tomadas de decisões. Segundo Moscovici (2003), as representações são produtos de dois processos: o de ancoragem e o de objetivação. Ancorar significa categorizar objetos e pessoas e reuni-las em classes, atribuindo-lhes um valor e um lugar em uma escala hierárquica. Nesse processo são selecionadas as características que nos parecem mais próximas desse protótipo e observadas as coincidências. Objetivar significa converter um conceito em imagens e palavras, pois elas “reproduzem visivelmente um complexo de ideias” (MOSCOVICI, 2003, p. 72). Os processos de ancoragem e de objetivação são “maneiras de lidar com a memória”, pois se referem às categorias preexistentes, no caso da ancoragem, e comunicam o que já se conhecia, no caso da objetivação (MOSCOVICI, 2003, p. 78). Nesse sentido, parte-se do pressuposto que as imagens de pessoas com deficiência em livros didáticos podem nos indicar formas de objetivação sobre quem elas

são e apontar sobre quais categorias e saberes elas estão ancoradas. Como as representações sociais oferecem consensos, criando “um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicados na vida cotidiana” (MOSCOVICI, 2003, p. 208), parte-se do pressuposto que as imagens em livros didáticos produzem e expressam um repertório de significados sobre ser uma pessoa com deficiência. Esse conjunto de significados oferece a um grupo social um modelo simbólico de pessoa com deficiência. Esse modelo seria reconhecido por esse grupo e tenderia a sofrer poucas transformações, correspondendo às imagens mais tradicionalmente veiculadas de PcD.

Em relação ao valor das imagens nos estudos em representações sociais, Jodelet (1989) mostra que elas podem difundir representações a respeito de assuntos de cunho social e conter informações sobre conhecimentos de senso comum. Mas, quando essas representações são veiculadas pela mídia impressa, elas alcançam um número maior de pessoas, circulando de uma forma mais sistematizada. Essas formas de comunicação se diferenciam segundo o seu estilo e o público alvo, alterando o conteúdo das informações. Elas foram nomeadas por Moscovici (2001) como difusão, propagação e propaganda. Os meios de comunicação conhecidos por difusão procuram socializar um saber comum por meio de um discurso não sistemático. Na difusão não há a intenção de se criar um comportamento unitário, mas apenas a intenção de comentar e fazer falar sobre um determinado assunto a um grupo muito vasto de pessoas, o que poderíamos chamar de comunicação de massa. Para Moscovici (2001), a circulação de informações e conhecimentos via difusão tem um caráter de contágio, falando-se de forma aberta a todos os diferentes grupos sociais, onde as opiniões sobre um mesmo assunto ou objeto podem divergir (VALA; CASTRO, 2006). Com relação à forma da mensagem, Moliner (2016) nos lembra que o veículo que se dispõe a difundir uma mensagem opera por meio de uma postura de neutralidade, e mantém uma relação de proximidade e de semelhança com sua audiência. O seu estilo, continua o autor, é o de passar uma informação de maneira atraente e simples. Para ele, a difusão tem por objetivo atingir vários públicos, o que poderíamos chamar de comunicação em massa.

Já na propagação, segundo Moscovici (2001), existe um cuidado e um preparo maior na mensagem para que ela exerça pressão para a uniformidade. Sem o objetivo de instaurar uma conduta nova, a propagação visa encontrar uma convergência em torno de uma ideia comum, e possui uma orientação ideológica. Então, como aponta Moliner (2016), no sistema de propagação, a informação é direcionada a uma audiência de menor amplitude que a da difusão e que já comunga com os valores e orientações ideológicas da fonte. O autor ressalta ainda que na propagação, existe uma seleção do material a ser veiculado, privilegiando-se o

conteúdo que está de acordo com os princípios e valores da audiência, omitindo-se o que é suscetível de contradição.

A propaganda, por outro lado, tem o objetivo de persuadir, de fazer com que outros possam aderir a uma nova ideia e como salienta Moliner (2016), tem como objetivo exaltar na audiência um sentimento de pertença a um grupo e o de provocar ações. O autor lembra ainda que na propaganda, a fonte tem um *status* de autoridade, e que para obter o objetivo de incitar ações e posicionamentos e dar coesão a um grupo, tende a apresentar ideias contrárias e que devem ser combatidas. Sua finalidade é, portanto, estabelecer diferenças de valores entre os grupos, partindo de conceitos conflituosos (VALA; CASTRO, 2006).

A veiculação de ideias sobre PcD por meio de ilustrações em livros didáticos parece se enquadrar na forma de comunicação da propagação, pois exige algum preparo e sistematização das imagens, alcança um grupo determinado de pessoas e entrega um conteúdo informativo que está em conformidade com os valores e princípios da fonte. Essa veiculação incentiva a uniformidade, motiva a convergência em torno de uma ideia e valoriza a imitação de padrões, que poderia corresponder aos desejos de inclusão, por meio de comportamentos interativos, sociais, de aceitação das diferenças e de proximidades com os outros. Os conteúdos e temas destes artefatos pedagógicos são pensados e elaborados por pessoas ligadas à educação e voltados aos educandos em formação escolar. Nesta fase, novos conhecimentos serão adequados e ajustados aos sistemas de valores do grupo de estudantes, somando assim, novos conceitos ao grupo.

Mesmo não se tratando de um estudo em produção de representações sociais, os conceitos de ancoragem e objetivação ajudam a entender como as imagens de PcD são interpretadas pelo público jovem. As imagens dão forma a um conceito e quem as vê, tenta encontrar em sua memória e experiências anteriores os elementos que permitem interpretá-la. Os idealizadores dos livros estampam imagens que eles consideravam “inteligíveis” e “compreensíveis” ao público em geral, para que elas façam sentido. E, nesse movimento, acabam por dar forma a uma imagem e acionar referenciais que possam dar-lhes significado. As imagens de PcD nas ilustrações que têm como intuito caracterizar, classificar, atribuir valor e informar sobre normas, valores e comportamentos poderiam se aproximar de representações sociais. Isso porque, as características selecionadas na composição das imagens emergem de conhecimentos de senso comum que circulam no grupo, e têm o intuito de fazer com que os membros desse grupo possam compreendê-las e interpretá-las. É com esse propósito, o de ser compreendida, que as imagens trariam elementos considerados próprios e típicos das pessoas representadas. No que concerne a noção de objetivação de Moscovici (2001), essas imagens revelariam o que se pensa sobre as capacidades,

habilidades, limitações, status e função social das pessoas representadas e garantiriam que essas mesmas mensagens fossem compreendidas pelo público alvo. Da mesma forma, a leitura e a interpretação das imagens de corpo da pessoa com deficiência dependeriam dos conhecimentos pré-existentes dos observadores sobre quem são esses sujeitos, pois eles procurariam estabelecer correspondências entre as características físicas dos personagens e os tipos e os modelos que existem, que são conhecidos e que lhes são familiares. Seriam, então, os saberes pré-existentes que garantiriam a compreensão das mensagens contidas nas imagens. No que concerne a noção de ancoragem de Moscovici (2001), essas leituras teriam a ver com as memórias sociais, onde são encontradas referências que conferem a essas imagens sentido e significado.

O corpo e suas imagens

Ao considerar a importância da corporeidade na construção de identidades sociais, podemos inferir que as imagens de corpo também trabalham como veículos de comunicação dessas identidades, e como afirma Douglas (1999), podem ser instrumentos na transmissão de valores sociais e oferecer elementos que indicam uma variedade de identidades sociais e individuais. Supõem-se, ainda, que imagens produzidas por outras pessoas corresponderiam ao que se pensa sobre pertencas a grupos sociais, pois uma vez selecionadas pelos seus produtores, salientariam aspectos posturais, gestuais, expressões faciais e tipos de vestimenta e de acessórios considerados característicos dos membros do grupo representado, evitando os que não lhe correspondem. Nesse sentido, as características corporais contidas em imagens gráficas e fotográficas revelariam alguns saberes de senso comum sobre quem essas pessoas são e seus grupos de pertença, aproximando-se assim de representações sociais.

Encontramos ainda nos estudos de Moliner (2016) uma importante associação entre imagem e representações que auxilia a compreender melhor a relação entre ilustrações de corpo e representações sociais de PcD. O autor mostra que o papel dos saberes pré-existentes, tanto na elaboração quanto na leitura de imagens, vai além de buscar convenções iconográficas, mas faz referência às crenças e opiniões dos receptores da mensagem imagética sobre a pessoa ou grupo representado. Assim, entendemos que as imagens de pessoas com deficiência nos livros didáticos poderiam revelar as opiniões, crenças e saberes em circulação, correspondendo ao que o público ao qual elas se destinam conhece. Ao analisar os estereótipos contidos em imagens e que são veiculados pela mídia impressa, Hall (1997) também mostra como signos e imagens são utilizados

para dizer algo e que o significado não está no objeto retratado, nem nas palavras, mas nas pessoas que atribuem os significados, por meio das convenções sociais.

As imagens de pessoas na mídia impressa tendem a traduzir os conhecimentos que circulam em uma determinada sociedade sobre estados emocionais e sentimentos. Essa afirmação encontra suporte nos trabalhos de Mauss (1968), Dittman (1987), Argyle (1988) e Cosnier (1996) sobre como as linguagens corporais e as imagens de corpo, da face e dos ambientes, auxiliam a falar sobre nós mesmos e têm a importante função de comunicar emoções, estados de espírito, sentimentos e traços da personalidade. No caso das PcD, estas imagens podem se tornar importantes fontes de dados, porque justamente identificam as pessoas pelas características corporais selecionadas pelo produtor como indicativas de quem elas são. Em muitos casos, as imagens estereotipadas classificam pessoas segundo limitados padrões físicos, diferenciando-as das outras com as quais convivem. Essas imagens trazem também informações sobre pertencimentos a grupos sociais, sobre funções na sociedade, tipos de interação social e características da personalidade ao retratarem pessoas em determinados locais públicos e privados, e em contextos físicos variados como escolas, universidades e ambientes de trabalho. Como um todo, esses elementos corporais e de cenários ajudam a caracterizar os personagens das ilustrações e a propagar representações sobre eles.

Embora não sejam comuns, alguns estudos vêm refletindo sobre a veiculação de imagens de PcD de forma estereotipada. Os trabalhos clássicos de Goffman (1988, p. 12) sobre os sinais corporais que estão associados a atributos pessoais e que são utilizados por outros nas categorizações sociais, nos ajudam a entender essa veiculação, principalmente quando o autor aponta para os efeitos do estigma, ou seja, uma imputação depreciativa que tem um efeito de descrédito, causadas pela “discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”. Quando nossas expectativas com relação a alguém estranho não são atendidas, porque ele é diferente dos outros, elas se transformam em exigências, e nossas relações com essa pessoa, em um primeiro momento, se modifica. Goffman (1988) também trata dos signos portadores de informação social que transmitem informações iniciais sobre quem as pessoas são, e dos signos de estigma que, contrapondo aos símbolos de prestígio, despertam a atenção sobre uma “degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia, de outra forma, ser um retrato global coerente, com uma redução consequente em nossa valorização do indivíduo” (p.53). As marcas no corpo, como cicatrizes, queimaduras ou mutilações e alguns acessórios de locomoção podem funcionar como símbolos de estigma. Para o autor, eles transmitem informações sociais sobre a pessoa, o que se passou com ela, de onde ela vem. Para os

estudos das imagens de PcD em livros didáticos, os trabalhos de Goffman auxiliam no desenho da metodologia ao sugerir categorias e sub-categorias de análise das imagens de PcD e na identificação dos elementos físicos que as compõem, como por exemplo os equipamentos, acessórios e próteses.

Já outros autores, como Barros (2007), Hardin e Hardin (2004) e MacLachalan (2004) contribuem com a presente pesquisa por focarem o livro didático, especificamente. Barros (2007) fala da representatividade da deficiência física em detrimento das outras deficiências, ao mapear os modos de representação da pessoa com deficiência nos livros de Língua Portuguesa. Hardin e Hardin (2004) analisam as poucas imagens de PcD nos livros didáticos de educação física, indicando a pouca visibilidade desses sujeitos nessas atividades. MacLachalan (2004) ressalta como os discursos sobre o corpo da PcD afetariam a maneira com que os outros se relacionam com a pessoa com deficiência. Como um todo, esses trabalhos auxiliam no desenho da pesquisa no sentido de orientarem a leitura das imagens para determinados elementos físicos, ambientais e de acessórios que poderiam auxiliar nas suas categorizações.

Sobre a pesquisa

Este estudo trata de uma análise documental, qualitativa que procura identificar e analisar de que maneira as representações de pessoas com deficiência (PcD) estão sendo veiculadas e propagadas, por meio de imagens, em livros didáticos. Parte-se do pressuposto que o livro didático difunde, através de suas ilustrações e de seus textos conhecimentos de senso comum sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência (PcD). O objetivo é também refletir sobre o que essas imagens revelam a respeito do que se pensa acerca da deficiência e da pessoa com deficiência, aproximando-se de representações sociais sobre a PcD.

São vários os canais e meios de comunicação que veiculam imagens de pessoas com deficiência, mas os livros didáticos compartilham conhecimentos científicos e de senso comum sobre diversos tópicos e temas sociais. Como os currículos escolares divulgam saberes selecionados e valorizados para a formação das pessoas (APPLE, 2006; SILVA, 2014), os livros didáticos são instrumentos dessa divulgação e seu conteúdo simbólico pode influenciar a construção de representações sociais sobre distintos objetos sociais. Indagamos portanto, que conteúdos imagéticos e que elementos imagéticos estão à disposição das crianças e dos jovens sobre a deficiência e que futuramente poderão servir

como referência, base e ancoragem para a construção de suas representações sobre as pessoas com deficiência.

Os livros selecionados para compor o *corpus* de análise fazem parte de uma série de livros do Plano Nacional do Livro didático (PNLD), utilizados pelos estudantes do sexto ao nono ano do ensino fundamental, dos componentes curriculares de Matemática, Português, História e Ciências. As quatro editoras selecionadas para esse estudo compõem as coleções a serem adotadas nos anos letivos de 2017 a 2019 pelas escolas públicas de todo o país e estavam disponíveis em uma biblioteca de uma escola local da cidade de Chapecó, Santa Catarina. Uma observação flutuante desses livros possibilitou perceber que os componentes curriculares de Matemática, Português, História e Ciências traziam um maior número de imagens de pessoas com deficiência e por essa razão eles foram os componentes escolhidos para serem analisados neste estudo.

Nesse processo de confecção dos livros didáticos do PNLD há o envolvimento de uma equipe multidisciplinar de profissionais da área da educação. Portanto, o livro didático é produto de uma seleção de conhecimentos e de formas de apresentá-los. Analisá-los poderá fazer emergir os conceitos, ideias e valores sobre deficiência considerados relevantes para a formação dos jovens de uma determinada comunidade. O estudo não pretende explorar todos os livros do PNLD e esgotar as análises sobre essa temática, mas iniciar uma reflexão sobre como representações sobre a deficiência estão sendo veiculadas, implícita ou explicitamente aos estudantes de uma escola pública de Chapecó e que conhecimentos e saberes sobre esse tema referenciam as escolhas das imagens que os compõem.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, procedemos com uma primeira fase de análises das imagens de PcD. Iniciamos essa primeira fase com uma leitura flutuante (BARDIN, 1997) com o objetivo de estabelecer um primeiro contato com as imagens. Levamos em consideração, ainda, nesse primeiro contato com o material, os estudos de Bauer e Gaskell (2015), que apontam as imagens como fontes polissêmicas e ambíguas de conhecimentos, refletindo vários significados e sentidos, por vezes até contraditórios. Então, calculamos inicialmente a distribuição das imagens por editoras, séries e componentes curriculares. Posteriormente, observamos os elementos que podem trazer informações sobre as PcD e que são significativos para essa análise. Os elementos que aparecem com maior frequência e que indicam as características dos personagens são: os equipamentos e próteses, as emoções expressas pela face, o local e o ambiente onde se encontram, as atividades que executam e com quem interagem. Esses elementos foram codificados e agrupados em 8 categorias: tipos de deficiência (auditiva, visual, deficiência

física, deficiência múltipla, nanismo e Síndrome de Down); gênero (feminino e masculino); faixa etária (criança, jovem, adulto e idoso); equipamentos de acessibilidade (cadeira de rodas, óculos e tampão, bengala, prótese de pernas, muletas e prótese auditiva); ambientes (interno, externo e indefinido); expressão facial (sorrindo, neutro, sério e não aparente); interação social (sozinho, em grupo, em dupla); e tipos de atividades que exercem (estudo, lazer/esporte, desfile, trabalho).

Buscamos em alguns autores os referenciais teóricos para compreender o papel de algumas categorias e sub-categorias na representação imagética das PcD. Em relação à categoria ambiente, com as suas sub-categorias, interno, externo e indefinido, os estudos de Knapp e Hall (1999) ajudam a entender o papel do local ou o contexto físico no comportamento das pessoas e na regulação da interação social. Partimos desse pressuposto para considerar o ambiente, ou os contextos onde as imagens de PcD estão inseridas, como cenários que auxiliam os produtores das imagens a comunicarem informações sobre quem as PcD são, como se comportam e como interagem com outras pessoas. Levamos em consideração que essas imagens foram escolhidas por outras pessoas para comporem o livro didático e transmitirem informações, saberes e conhecimentos sobre as PcD. Da mesma forma, os estudos de Hall (1997) e Le Breton (2007) auxiliam na interpretação do elemento cenário, pois eles enfatizam que os ambientes onde os personagens são retratados fazem parte da informação e podem nos dar indícios sobre representações de suas identidades.

Com relação à categoria expressão facial, os estudos de Dittmann (1987), Mauss (1963), Goffman (2011) e Silva (2011, 2015) mostram como a face está entre as partes do corpo que melhor comunicam as emoções. As imagens de PcD podem ser analisadas segundo o tipo de expressão facial, que sugere estados emocionais e podem ser facilmente interpretados pelos leitores. O leitor tem como referência as suas normas sociais de conduta e de apresentação em público, e as utiliza para dar sentido às expressões faciais das imagens de PcD. Os estudos de Le Breton (2007) auxiliam no entendimento da categoria interação social, pois estar acompanhado ou não poderia indicar formas de interação social, de integração em um grupo, de inclusão e de autonomia.

Calculamos a frequência dos elementos de cada item, de cada sub-categoria, separadamente. Após essa fase, promovemos uma análise comparativa entre algumas sub-categorias, com o intuito de observar se existe alguma relação entre elas: gênero e tipo de deficiência, ambiente e tipo de deficiência, atividades e deficiência, atividade e gênero, interação e ambiente, equipamento e ambiente, faixa etária e interação e faixa etária e

equipamento. Calculamos ainda se as diferenças observadas entre essas sub-categorias eram significativas ou não, por meio do Chi2.

Resultados

Foram catalogadas 92 imagens nos 16 livros didáticos investigados. Em um primeiro momento foi possível perceber uma grande diferença entre as editoras quanto ao número de imagens de PcD. A editora D apresenta 58,69% de todas as imagens catalogadas, enquanto que a editora A apresenta 18,47%, a B, 15,21% e a editora C, 7,69%. Essa distribuição indica que não há um consenso entre editoras sobre a necessidade de se retratar e discutir o tema da deficiência nos livros didáticos, deixando sob a discricção de cada uma delas a decisão de trabalhar ou não com essa temática. Com relação aos componentes curriculares, encontramos nos livros de Matemática o maior número de imagens de PcD (38,05%), seguidos pelos componentes Ciências (30,43%), História (18,47%) e Português (13,04%). Nos livros de Matemática, as imagens de PcD foram utilizadas para ilustrar e contextualizar problemas matemáticos em contextos práticos de vida, em que eram necessários cálculos e fórmulas matemáticas para resolvê-los. A imagem da criança em cadeira de rodas que tenta alcançar um interruptor de luz, e o problema proposto pelo livro de se calcular a altura mais adequada do interruptor para pessoas cadeirantes, exemplifica essa utilização. Nos livros de Ciências, a deficiência aparece na maior parte das vezes ilustrando as variantes do corpo humano nos conteúdos de genética. Nos livros de História, a deficiência apareceu em diversos contextos, inclusive ilustrando guerras e as amputações em decorrência dessas disputas. Em outros momentos, as imagens mostram paratletas participando de eventos esportivos, no contexto das evoluções históricas por que passam as competições. Nos livros de Português, são poucas as imagens de PcD e elas aparecem na sua maioria ilustrando diálogos entre pessoas. No que concerne a distribuição por séries escolares, vemos uma distribuição quase uniforme entre o sexto ano (26%), o sétimo ano (22%), o oitavo ano (34%) e o nono ano (18%). Essa distribuição indica que parece ter havido uma preocupação em contemplar todos os anos escolares com mais ou menos o mesmo número de imagens, embora essa distribuição esteja fortemente ligada aos livros da editora D, pois foram neles que encontramos o maior número de imagens.

Em uma segunda fase de análises, observamos a distribuição de imagens por categorias. Na categoria tipo de deficiência, do total de 92 imagens selecionadas, vemos que 75% delas fazem referências às pessoas com deficiência física, seguidas pela

deficiência visual (15%), Síndrome de Down (4%), deficiência múltipla (3%), deficiência auditiva (2%) e pelo nanismo (1%). A predominância de imagens de deficiência física pode estar ligada ao emprego de símbolos de cadeiras de rodas em locais públicos. Possivelmente, esses símbolos ajudam a difundir e a propagar a imagem que relaciona a PcD ao cadeirante, generalizando e ao mesmo tempo simplificando a deficiência. Apoiando-nos nos estudos de Goffman (1988), parece que a cadeira de rodas se tornou o signo, ou o símbolo, portador de informação social sobre a PcD.

Na categoria gênero, 67% de imagens eram do gênero masculino e 33% do gênero feminino. A pouca frequência de imagens de mulheres com deficiência nesses livros didáticos poderia ser explicada pela tendência de se representar a mulher segundo padrões de beleza, de estética e de saúde (ECO, 2015), assim como de maternidade, e esses padrões não corresponderiam ao que se sabe e se espera da mulher com deficiência. Mas, com os dados coletados por essa investigação, não é possível afirmar que este seria realmente um elemento que tivesse impactado na seleção das imagens. Podemos, apenas, sugerir que os padrões de beleza e saúde possam ter restringido a seleção das imagens de mulheres com deficiência pelos produtores dos livros.

Na categoria faixa-etária, crianças e jovens aparecem nas ilustrações 33,69% e 31,52% respectivamente, seguidos por imagens de adultos (29,34%) e de idosos (5,43%). Possivelmente, houve uma seleção de imagens de modo que elas correspondessem à faixa etária do público ao qual se destinam, que nesse caso é um público jovem. Isso explicaria a pouca presença de idosos com deficiência nos livros. Mas, outros saberes sobre a deficiência que circulam na sociedade podem também ter influenciado nessa seleção. A baixa expectativa de vida dessa população, as dificuldades de locomoção e a pouca autonomia fazem com que os mais velhos sejam menos visíveis nas comunidades e, portanto, menos representados pela mídia impressa.

Com relação à categoria equipamentos de acessibilidade, o mais comum é a cadeira de rodas (62,36%), seguida pelos óculos (13,97%), a bengala (9,67%), a prótese de pernas (7,52%), as muletas (4,3%) e a prótese auditiva (2,15%). A grande frequência das cadeiras de rodas em relação aos outros equipamentos pode ser explicada pelo fato da deficiência física ter sido a mais representada. Parece existir, então, uma associação entre deficiência física e cadeirante. Outra possível razão é o fato da cadeira de rodas substituir equipamentos mais sofisticados e que não estão à disposição das PcD, sendo então o equipamento mais familiar aos olhos do público em geral. Assim, essas imagens propagam representações de pessoas com deficiência que correspondem ao que se sabe sobre elas,

representando-as como um grupo homogêneo que depende de um único equipamento de locomoção.

A distribuição das imagens por tipos de ambientes mostra que as PcD em locais externos apareceram mais vezes (40%) em relação aos internos (35%). Em um número elevado de ilustrações, não foi possível identificar o contexto em que as PcD estavam inseridas (25%). A seleção de ilustrações que mostram PcD em locais externos pode ter tido um objetivo pedagógico de salientar que existe a possibilidade dessas pessoas de se deslocarem e acessarem espaços públicos e privados diversos, sugerindo a ideia de autonomia e de liberdade.

Quando analisamos a face das 92 imagens de PcD, os dados indicam que o sorriso foi a expressão facial predominante (48,91%), seguido pela expressão séria (30,43%) e a neutra (13,04%). Houve também imagens em que não foi possível identificar a expressão facial (7,6%). Os trabalhos de Goffman (1990) e Dittman (1987) ressaltam o papel da expressão facial na comunicação de emoções, sentimentos e traços da personalidade e Silva (2011, 2015) analisa como imagens de pessoas sorrindo podem ser um elemento diferenciador de sentimentos e de emoções, indicando ainda o tipo de interação que ocorre entre as pessoas segundo normas de convívio social do seu grupo. Portanto, a seleção de um grande número de imagens de pessoas sorrindo nos livros didáticos pode indicar o objetivo de comunicar uma predisposição, por parte das PcD, de interagir com os outros e de um estado de descontração, propagando assim uma ideia de integração social e de inserção social.

Em outra análise, classificamos as imagens em três agrupamentos: sozinha, em dupla e em grupo. Os dados indicam que 50% das imagens mostram os sujeitos em grupos, 35% sozinhos e 15% em duplas. As imagens em grupos e em duplas mostram as PcD em interação com colegas e familiares e passam a mensagem de inclusão. Por fim, as imagens foram analisadas com relação às atividades nas quais as PcD estavam desempenhando. Em 47,72% dos casos, as PcD aparecem estudando, em 26,13% em atividades de lazer ou esporte, em 22,72% em um desfile e em 3,4%, trabalhando. A pouca representação das PcD trabalhando tem sido documentada por outros autores como Nario-Redmond (2010), que ressalta a noção de não produtividade e de dependências das PcD.

As seguintes análises têm como objetivo encontrar associações entre as subcategorias. Esses cruzamentos são importantes, pois permitem que se compreenda melhor como as representações de PcD são compostas por um conjunto de elementos imagéticos. Uma análise do Chi 2 foi aplicada para determinar a probabilidade em que os valores

médios de diversos grupos de pontuações se afastam uns dos outros meramente por erro na amostragem e se as diferenças são ou não significativas.

Ao comparar as categorias de gênero e faixa-etária, cruzando os dados entre as sub-categorias feminino e masculino, com as sub-categorias crianças, jovens, adultos e idosos, observamos que as diferenças nos valores não mostram que eles são significativos (Chi 2 = 4,53; grau de liberdade = 3; $P < 0,05$). Ao comparar as categorias gênero e ambiente, cruzando as sub-categorias feminino e masculino, com as sub-categorias interno, externo e indefinido, observamos que houve mais imagens de PcD na sub-categoria ambiente externo e que as diferenças entre os valores de gênero estão igualmente distribuídos (Chi 2 = 0,77; grau de liberdade = 2; $P < 0,05$). Na comparação entre gênero e atividades, associando as sub-categorias feminino e masculino e as atividades de estudo, trabalho, lazer e campanhas, vemos que a distribuição foi mais ou menos semelhante entre os gêneros, com a maior parte das imagens das PcD classificadas na sub-categoria estudo (Chi 2 = 3,78; grau de liberdade = 3; $P < 0,05$).

Os dados da distribuição do tipo de expressão facial (sorrindo e sério), em relação ao tipo de interação (sozinho, em dupla ou acompanhado), também foram tratados pelo Chi 2. Essa análise indicou que a diferença entre os valores foi significativa (Chi 2 = 4,39; grau de liberdade = 2; $P > 0,20$), com muito mais sujeitos com expressão séria retratados em duplas, que sorrindo. Nos outros casos, houve mais sujeitos sorrindo nas sub-categorias sozinhos e em grupos. Portanto, apenas na sub-categoria “duplas” houve uma diferença de valores. Por essa razão, o grau de significância foi menor.

No cruzamento das categorias expressão facial e atividades (sub-categorias sorriso, sério e neutro, com estudo, trabalho, lazer e campanhas), observamos que as diferenças entre os valores não são significativas (Chi 2 = 7,63; grau de liberdade = 6; $P < 0,20$). Os valores mostram que o maior número de imagens estava com a expressão sorrindo e executando a atividade de estudar. Já os dados da distribuição do tipo de interação (sozinho, dupla e grupo), com o tipo de ambiente (interno e externo), indicou uma diferença significativa (Chi 2 = 6,68; grau de liberdade = 2; $P > 0,05$). Neste caso, houve muito menos casos de pessoas representadas sozinhas em espaços internos e externos e uma concentração de imagens de pessoas em grupo nos ambientes internos e externos.

Ao comparar as sub-categorias ambientes (interno e externo) com os tipos de equipamentos (cadeira de roda, óculos, bengala e prótese de perna), a análise do Chi 2 revela que é significativamente diferente a distribuição dos valores (Chi 2 = 31,19; grau de liberdade = 3; $P > 0,001$). Houve um número menor de imagens de pessoas com óculos e bengalas no ambiente interno que o esperado, e um número elevado de cadeiras de rodas

nesse ambiente, ilustrando a prevalência desse equipamento nas representações de deficientes.

Considerações finais

O objetivo geral da investigação foi analisar de que forma as imagens de PcD estariam sendo veiculadas em uma seleção de livros didáticos e refletir sobre como as imagens auxiliam a compreender a veiculação de representações sociais. Percebemos que a maioria das imagens que compunham o *corpus* de análise propagam representações estereotipadas de PcD, com a predominância da deficiência física em detrimento das outras deficiências. O grande número de imagens de PcD em cadeiras de rodas, estudando, sorrindo e em duplas ou grupos veiculam uma representação generalizada, padronizada e nivelada das PcD, um repertório de significados que sugere representações sociais de PcD. Essas representações propagam estereótipos, principalmente no caso do não trabalho e da pouca autonomia dos PcD, e revelam poucas singularidades e especificidades. Reflexões sobre a representação da deficiência como algo homogêneo emergem nos trabalhos de Goffman (1988) e de Howson (2004), e análises sobre o monitoramento e regulação do corpo por meio de discursos nas áreas da medicina surgem nos estudos de Foucault (1973). O autor analisa como os discursos nas áreas específicas da medicina classificam os corpos segundo suas diferenças, e que as formas de examinar, registrar e nomear populações criaram hierarquias e legitimaram o exercício do poder de um grupo sobre o outro. Em nossa pesquisa, observamos como imagens que identificam pessoas utilizando um número limitado e padronizado de equipamentos, acessórios e próteses, que poderiam ser consideradas tradicionais e fazerem referência aos conhecimentos pré-existentes sobre as PcD, indicam a que grupos elas pertencem. Mas, observamos também que outros elementos, como a expressão facial, os agrupamentos sociais e os ambientes parecem servir como indicativos de normalidade e de inclusão em grupos maiores. Sugerimos que esses elementos minimizam as classificações que poderiam induzir diferenciações, e têm o propósito de sugerir aproximações desses sujeitos com um grupo maior de pessoas, tornando o estranho e diferente mais familiar. Talvez seja essa tentativa de tornar algo diferente e novo em familiar, por meio do sorriso, das formações em grupos e pares e dos ambientes externos, o que aproxima essas imagens de representações sociais. O uso dos equipamentos, acessórios e próteses que são conhecidos pelo público em geral, trazem à mente referências de deficiência. Assim, quando se foca em um pequeno número de atributos, repetindo-os sempre que possível, o objetivo é o de

encontrar um padrão, uma uniformidade. As imagens são polissêmicas, como apontam Bauer e Gaskell (2015) e são lidas e interpretadas segundo o que se sabe sobre a deficiência, e os ambientes externos, as expressões de sorriso e as formações em grupos informam outros saberes sobre as PcD. Então, parece haver uma utilização equilibrada de elementos que classificam, nomeiam e diferem as PcD das outras pessoas, e elementos que dão uma nova forma a essas imagens, como se fosse um processo de objetivação. Representam esses sujeitos de forma a diluírem as classificações em grupos restritos, integrando-os em grupos sociais mais amplos.

Como a propagação de informação ocorre no interior de um contexto, que supõe a existência de normas sociais comuns, a escola e o livro didático seriam esses contextos. E como o seu objetivo é o de tornar possível uma adequação dos comportamentos às normas sociais às quais os indivíduos aderem, visando dotar as condutas atuais de uma nova significação, os livros parecem propagar representações.

A nosso ver, essa uniformidade e a forma com que a diversidade fica pouco representada, mobiliza muito poucas leituras críticas, e por essa razão podem não promover mudanças efetivas na maneira com que pensamos a deficiência e a inclusão. De certo modo, os livros podem influenciar na construção de representações sociais sobre a PcD. Assim, partimos do pressuposto que, mais do que a quantidade de imagens, o importante seria apresentar ilustrações que possibilitem reflexões sobre esse tema.

É importante questionar que sociedade desejamos construir para as futuras gerações, que estigmas estão se perpetuando a respeito da diversidade humana e, por fim, como os educadores se posicionam perante o tema da inclusão de PcD na sociedade.

Referências

APPLE, Michael W.; CHRISTIAN-SMITH, Linda. *The politics of textbooks*. New York: Routledge, 1991.

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. Tradução de Vinícius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARGYLE, Michael. *Bodily communication*. London: Routledge, 1988

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1997.

BARROS, Alessandra Santana Soares. Discursos e significados sobre as pessoas com deficiências nos livros didáticos de português: limites na comunicação de sentidos e representações acerca da diferença. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, Jan.-Abr. 2007, v.13, n.1, p.61-76.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSNIER, Jacques. Les gestes du dialogue: la communication non verbale. *Psychologie de la motivation*, n. 21, p. 120-138, 1996.

DITTMAN, Allen. The role of body movement in communication. In: SIGMAN, A.; FELDSTEIN, S. (Org.). *Nonverbal behaviour and communication*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1987. p. 37-63.

DINIZ, Debora. 2007. *O que é deficiência*. São Paulo: Editora Brasiliense.

DOUGLAS, Mary. *Implicit meanings: Selected essays in anthropology*. London: Routledge, 1999.

ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FOUCAULT, Michel. *The birth of the clinic*. London: Routledge.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Great Britain: The Penguin Press, 1990.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. New York: Anchor Books, 2011.

HALL, Stuart. The work of representations. In: HALL, S. (Org.). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. London: Sage/Open University, 1997, p. 1-30.

HARDIN, Brent; HARDIN, Marie. Distorted pictures: Images of disability in physical education textbooks. *Adapted Physical Activity Quarterly*, p. 399 - 413, 2004.

HOWSON, Alexandra. *The body in society*. An introduction. Cambridge: Polity Press, 2004.

JODELET, Denise. Les représentations sociales: Un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Ed.), *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

KNAPP, Mark L; HALL, Judith A. *Comunicação não-verbal na interação humana*. São Paulo: JNS Editora, 1999.

LEDER, Drew. *The absent body*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2007.

MACLACHLAN, Malcolm MHÁILLE, Grainne; GALLAGHER, Pamela; DESMOND, Deirdre. Embodiment and appearance. In: RUMSEY, N.; HARCOURT, D. *The Oxford Handbook of the psychology of appearance*. Oxford: Oxford Press, 2012, p. 23-35.

MACLACHLAN, Malcolm. *Embodiment: clinical, critical and cultural perspectives on health and illness*. Maidenhead: Open University Press.

MAUSS, Marcel. *L'expression obligatoire de sentiments: essais de Sociologie*. Paris: Minuit, 1968

MOLINER, Pascal. *Psychologie sociale de l'image*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2016.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NAIRIO-REDMOND, Michelle R. Cultural stereotypes of disabled and non-disabled men and women: consensus for global category representation and diagnostic domains. *British Journal of Social Psychology*, v. 49, p. 471 - 488, 2010.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SILVA, Ariane Franco Lopes. Corporeidade e representações sociais: agir e pensar a docência. *Psicologia e Sociedade*, v. 23, n. 3, p. 616-624, 2011.

SILVA, Ariane Franco Lopes. O mundo virtual e as identidades profissionais: implicações para a formação docente. *Revista Diálogo Educacional*, v. 15, n. 45, p. 473-492, 2015.

SILVA, Thomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SLEETER, Christine; GRANT, Carl A. *Race, class, gender and disability in current textbooks*. The politics of the textbooks. New York: Routledge, 1991.

VALA, Jorge; CASTRO, Paula. Pensamento social e representações sociais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. *Psicologia social*. Portugal: Calouste Gulbenkin, 2006, p. 569-598.

WILLIAMS, Simom. Medical sociology, chronic illness and the body: a rejoinder to Michael Kelly and David Field. *Sociology of Health and Illness*, v. 18, n. 5, p. 699-709, 1996.

Submetido em 03/0/2017, aprovado em 06/09/2017.